

PARA ADULTOS? SUJEIRA E BAGUNÇA. PARA CRIANÇAS, POSSIBILIDADES.

SIBELLY MARTINS MIRANDA¹; ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES².

¹Universidade Federal do Rio Grande – sibellymiranda@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – acarmogg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita busca refletir acerca das práticas de disciplinamento, que limitam e anulam as experiências das crianças, sob um olhar através das experiências vivenciadas e observadas na 49ª Feira do Livro da FURG, dentro do espaço proporcionado pelo Ateliê da Infância, projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE, da Universidade Federal do Rio Grande. Cabe mencionar que este trabalho tem inspiração na vertente pós-estruturalista e tem como principal fundamentação teórica, o conceito de disciplinamento – enquanto uma tecnologia de poder -, do filósofo francês Michel Foucault.

O Ateliê da Infância realiza ações articuladas entre si, que proporcionam um funcionamento pautado em discussões entre as discentes e bolsistas vinculados ao projeto. O grupo é formado por professoras lotadas no Instituto de Educação; estudantes de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU - FURG); e estudantes remunerados e voluntários cursam pedagogia na FURG.

2. METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se a partir da metodologia de observação. Segundo Gil (1999), a observação é a maneira mais apropriada para conhecer a realidade, pertinente a espaços públicos. Na observação é possível focalizar em comportamentos que ocorrem naturalmente em seu ambiente natural, tendo o pesquisador como observador que nele não interfere.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Ateliê da Infância tem como objetivo oportunizar um espaço para formação inicial e continuada na área da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede de ensino do município de Rio Grande. O Ateliê acredita na importância das brincadeiras e das expressões por meio das múltiplas linguagens, das crianças estarem em contato com seus pares, uma vez que, para Borba (2007), é através das brincadeiras e das interações com seus pares e adultos que as crianças repensam o mundo ao qual pertencem, e sendo desafiadas pelas diversas formas de expressão que o Ateliê oportuniza dentro deste espaço para as brincadeiras, com realizações de oficinas, ações de formação continuada, exposições, contação de histórias, entre outras ações que envolvem bebês e crianças. Pois, a criança é imaginativa, tem necessidade de contar sobre sua realidade. Através do brincar, ela transforma elementos simples em uma atividade importante e, a partir dela, especula sobre o mundo.

Participar da Feira do Livro, evento organizado pela FURG que aproxima a comunidade da Universidade, das suas pesquisas e dos projetos desenvolvidos a partir do ensino e da extensão, possibilita que o Ateliê encontre outras formas de receber a infância, que não apenas junto de alguma forma, do contexto escolar. Assim, possibilitando formas outras de refletir acerca dessas infâncias, sobretudo no que se refere à família, uma vez que parte das crianças que o Ateliê recebe durante a feira, chegam acompanhadas junto de seus familiares ou responsáveis. E é a partir das observações feitas dentro deste contexto, que este trabalho estará alicerçado, a fim de refletir acerca das práticas de disciplinamento, baseadas na obra Vigiar e Punir, do filósofo francês Michel Foucault, que limitam e podam as experiências que poderiam ser vivenciadas pelas crianças.

Participar como bolsista do Ateliê da Infância, na 49ª Feira do Livro proporcionou diversas experiências que certamente contribuirão muito na formação dos integrantes, sendo esse um espaço de possibilidades, que encanta as crianças, o espaço do Ateliê é um dos momentos mais aguardados, houve crianças que se fizeram presentes em todos os dias, tornando-se quase parte da equipe. Entre oficinas, corações ansiosos pela hora da massinha, afetos, pinturas, sorrisos e interações, tinha algo ali, imiscuído, camuflado, quase invisível, mas não o suficiente aos olhos de um "foucaultiano", através de uma lente construída a partir de muitos estudos das obras do filósofo, o que mais impactou foram os sorrisos que se esfacelavam, escorriam como água em peneira, os olhares que ao partir, ficavam naquela experiência que não pode ser vivida, naquele momento que quase, existiu.

É importante destacar que, para Foucault, o poder não está localizado somente no Estado, as relações de poder são múltiplas, microfísicas e capilares (FOUCAULT, 1990), e estende-se por toda a parte, em todos os espaços. Logo, as práticas de disciplinamento se manifestam de diversas formas. Durante a oficina de massinha de modelar, uma, entre tantas outras atividades oferecidas às crianças no espaço do Ateliê da Infância/NEPE, onde se utiliza materiais como farinha, óleo, sal, água e tintas, tendo as mãos como principal ferramenta da sua produção, muitos responsáveis acabavam tirando seus filhos da mesa junto de outras crianças ao passo que percebiam a possibilidade de seus filhos sujarem suas roupas e entrarem numa grande bagunça. Ao passo que observava as crianças se afastando da atividade, com seus pais, e deixando ali apenas uma grande vontade de produzir suas massinhas, me questionava: Para os adultos, sujeira e bagunça, para as crianças... possibilidades.



Não era diferente na mesa de pinturas, em que se manipulavam tintas, pincéis encharcados de águas coloridas que respingavam por toda a parte. De forma sucinta, os responsáveis convidavam as crianças para quem sabe, realizar a mesma atividade, mas com giz de cera no lugar das terríveis tintas, inculcando na

criança uma vontade que não é sua. Outros, talvez não tão sucintos, entravam em embate com as crianças que ousavam usar a tal da autonomia e manifestar sua vontade de realizar tais atividades. Alguns pais, até mesmo faziam as massinhas no lugar de seus filhos a fim de evitar uma lambança, “agilizar o processo” e livrar-se logo daquela situação. Assim, limitando a experiência.



Em Foucault, podemos compreender a disciplina como um conjunto de “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2013, p. 133). A todo tempo, é possível observar as crianças que frequentavam o espaço, sendo “docilizadas”, disciplinadas, condicionadas às vontades dos adultos sob suas justificativas legítimas. Sendo a disciplina uma das tecnologias de poder que visa não somente o

aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se, então, uma política das coerções, que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, gestos e comportamentos (FOUCAULT, 2013, p. 133).

Tais práticas inocentes, vão de forma sorrateira, condicionando os corpos sob essas justificativas legítimas, “não pode sujar o casaco” diz um pai, “se sujar a roupa vai andar suja depois” justifica outra responsável. E dessa forma, as crianças vão inculcando desde cedo, que a disciplina pautada em justificativas socialmente condicionadas devem estar acima de suas vontades. Para essas crianças, buscávamos oferecer massinhas que já estavam prontas por algum outro motivo, assim, ainda que não pudessem participar do processo de construção, poderiam levar para casa sua massinha que já não oferecia nenhum risco às suas roupas.



Em outro momento, ao perceber que sua roupa havia sujado, um menino prontamente entra em aflição, larga tudo que estava fazendo e corre para a pia na tentativa de limpar antes que sua mãe veja, “minha mãe vai me matar” diz ele, que sequer volta para recuperar a massinha. Percebi que sua mãe nem mesmo estava próxima ou observando, mas só o fato de saber da possibilidade dessa regulação, a criança se autodisciplina, isso porque segundo Foucault (2013), basta somente a possibilidade de saber que está sendo vigiado e regulado, para que o sujeito se “autodiscipline”.

Cabe destacar que não se trata de uma crítica aos pais e responsáveis, entendendo que são adultos que outrora foram crianças disciplinadas, e na sua fase adulta apenas reproduzem tal disciplinamento de forma sistemática, como parte de um mecanismo maior. Mas sim refletir sobre essas práticas automáticas, pois, embora esteja inserido num regime de verdade que delimita sua ação, somente a “codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução” (FOUCAULT, 1977, p. 92). Somente, a partir da tomada de consciência, é possível promover rupturas.

4. CONCLUSÕES

Por fim, que através da codificação das práticas de disciplinamento, os adultos possam perceber que a infância é um ciclo único, em que as crianças deveriam ter o direito de se manifestar através de experiências que convirjam para as múltiplas linguagens, e se perguntar: De que forma suas crianças lembrarão dessa fase, que memórias afetivas terão construído? As roupas, deixam de servir, as memórias afetivas, as experiências acompanharão o indivíduo ao longo de sua vida e serão parte de sua construção pessoal como sujeito social. Portanto, de que forma, o adulto já condicionado, está impactando as infâncias? De que forma silencia as múltiplas linguagens?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Angela Meyer. **A brincadeira como experiência de cultura na educação Infantil.**

Revista Criança, n 44, p.9-17, nov. 2007 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Tradução de Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.